



PIBID PEDAGOGIA: ESPAÇO PARA FORMAÇÃO, APRENDIZAGEM E REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS NO CAMPO SOCIOAMBIENTAL

Maria das Graças da Silva¹

Rejane Pinheiro Chaves Pinheiro Chaves²

Jessyca Moraes de Oliveira Moraes de Oliveira³

RESUMO

Trata-se da ambientalização no contexto de uma experiência acadêmica de formação inicial de professores. Visa a analisar um repertório de práticas educativas que integraram o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvidas por meio do subprojeto licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus Belém. A inserção socioambiental configura-se por meio de atividades pedagógicas e ações formativas que buscam contribuir para uma compreensão crítica das relações sociedade-natureza e a transformação da percepção de alunos e alunas desse curso, e a sensibilização de alunos e alunas do Ensino Fundamental em relação aos seus espaços de vivências. As ações estiveram pautadas por uma abordagem interdisciplinar, dialógica, participativa e dinamizadas no interior da UEPA e em uma escola, na área periférica da cidade. Narrativas de bolsistas e avaliações das ações inferem que a participação no subprojeto foi um diferencial e um alargamento na sua formação docente.

Palavras-chave: Inserção socioambiental. Pibid Pedagogia. Formação Inicial de Professores.

PIBID PEDAGOGIA: SPACE FOR TRAINING, LEARNING AND SOCIO-EDUCATIONAL PRACTICES PERFORMING IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL FIELD

ABSTRACT

This is about environmentalization in the context of an academic experience of initial teacher training. It aims to analyze a repertory of educational practices that had integrated the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID IN Portuguese acronym), developed within a subproject in Pedagogy faculty of the State University of *Pará* (UEPA), Campus *Belém*. The environmentalization was configured by pedagogical activities and formative actions which sought to contribute for a critical comprehension of society-nature relationships, the transformation of this student's perception, and awareness of elementary school students about their living spaces. These actions were guided by an interdisciplinary, dialogic and participative approach, energized within UEPA and at a school placed in the countryside of the city. Narratives of fellows and evaluation of actions infer that taking part in this subproject became a plus on their formation as teachers.

Keywords: Socioenvironmental insertion. *Pibid* Pedagogy. Initial Teacher Training.

¹ Professora Adjunto IV, vinculada ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: <magrass@gmail.com>

² Acadêmico do Curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e voluntária do PIBID/CAPES. E-mail: <rejane.beb@hotmail.com>

³ Acadêmico do Curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e voluntária do PIBID/CAPES. E-mail: <Jesyca.ped@gmail.com>



PIBID PEDAGOGÍA: ESPACIO PARA ENTRENAMIENTO, APRENDIZAJE Y REALIZACIÓN DE PRÁCTICAS SOCIO-EDUCATIVAS EN EL CAMPO SOCIO-AMBIENTAL

RESUMEN

Se trata de la ambientalización en el contexto de una experiencia académica de formación inicial de profesores. El objetivo de este trabajo es analizar el repertorio de prácticas educativas que integraron el Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID en su acrónimo en Portugués), desarrolladas a través del Sub-proyecto *Licenciatura* en Pedagogía de la Universidad del Estado de Pará (UEPA), Campus *Belém*. Se ha configurado la ambientalización por medio de actividades pedagógicas y acciones formativas que buscaban contribuir a una comprensión crítica de las relaciones sociedad-naturaleza, la transformación de la percepción de alumnos y alumnas de ese curso, y la sensibilización de alumnos y alumnas de la Enseñanza Fundamental en relación a sus espacios de vivencias. Las acciones estuvieron pautadas por un enfoque interdisciplinario, dialógico, participativo y dinamizado dentro de la UEPA y en una escuela, en el área periférica de la ciudad. Las narrativas de los becarios y las evaluaciones de las acciones deducen que la participación en el sub-proyecto fue un diferencial y una ampliación en su formación docente.

Palabras clave: Inserción socioambiental. *Pibid* Pedagogía. Formación inicial del profesorado.

Introdução

Grandes mudanças têm ocorrido no decorrer da história, no que diz respeito à utilização dos bens da natureza no contexto da ideologia da modernidade. A sociedade contemporânea tem testemunhado o ritmo avançado da deterioração dos ecossistemas, uma vez que o modelo de desenvolvimento que tem sido implementado nos diferentes contextos planetários não tem reconhecido e/ou levado em consideração a questão da finitude dos recursos da natureza. Para a sociedade atual, isso demanda desafios e tomada de decisões proativas frente a esse contexto que informa relações entre sociedade-natureza.

Esse modelo de desenvolvimento pautado no modo de produção capitalista tem protagonizado tensões e conflitos entre diversos setores da sociedade civil. Na luta, alguns segmentos das classes populares, com apoio de mediadores políticos, têm recorrido à educação ambiental, cujo legado formal consta da legislação em vigência, incluindo aquelas referentes ao campo educacional. Entre elas estão a Resolução nº 2 de junho de 2012 do Conselho Nacional de Educação - CNE, que determina Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental – DCNEA (BRASIL, 2012), e reafirmam o que consta na Constituição Federal de 1988, em seu art. 225 (BRASIL, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996), na Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 1999), entre outras. Contudo, essa modalidade da educação ainda se efetiva de forma tímida, particularmente no contexto educacional.

Este texto trata da ambientalização no Ensino Superior. No caso, da inserção do campo socioambiental no processo de formação inicial de professores, e apresenta-se como estratégia de aproximação entre universidade e Educação Básica, ou seja, a aproximação dos discentes do curso de licenciatura em Pedagogia, bolsistas vinculados ao subprojeto, ao contexto escolar e à sala de aula.

A ambientalização de práticas educativas formatadas por meio de ações formativas e de atividades pedagógicas busca contribuir para a transformação da percepção desses discentes de Pedagogia e de alunos do Ensino Fundamental em relação aos seus espaços de vivências e compreensão crítica das relações sociedade-natureza.

A inserção do campo socioambiental no contexto acadêmico e escolar foi realizada por meio do subprojeto *Práticas socioeducativas no campo ambiental: formação docente e discente da Educação Básica como agentes de mediação entre Escola e Universidade* - PIBID Pedagogia Belém, assim denominado institucionalmente na UEPA. Este projeto foi desenvolvido no período 2014 a 2018 com a participação de alunos do curso de licenciatura em Pedagogia, na condição de bolsistas ou voluntários. Foram realizadas sessões de estudos voltadas para a formação teórico-metodológica, estruturação e planejamento das atividades, organização realização e/ou participação em eventos científico-culturais, e desenvolvimento de práticas educativas no campo ambiental. Também houve atuação em uma escola de rede pública de Belém/PA, com a participação de alunos do curso de Ensino Fundamental.

A formação da consciência crítica frente às questões socioambientais

O processo educativo não mecanicista assume papel decisivo na formação crítica dos educandos, pois a partir dele, os sujeitos tornam-se mais ativos e com capacidade de viver e conviver em uma sociedade de natureza complexa, constituindo-se em protagonistas de suas cidadanias. Porém, quando a formação está pautada em uma educação mecanicista/bancária, os sujeitos são apenas treinados para assumir a sua condição de classe trabalhadora, que não permite que o educando manifeste nenhum tipo de reflexão crítica ou participação da realidade na qual está inserido. A educação, segundo Paulo Freire (1992, p. 14), precisa ser trabalhada

como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica...é prática indispensável aos seres humanos (dos homens e das mulheres) e deles específica na História como movimento, como luta. A história [que] como possibilidade

não prescinde da controvérsia, dos conflitos que, em si mesmos, já engendrariam a necessidade da educação.

Essa reflexão crítica de Freire (1992) traz, portanto, outra perspectiva para o campo educacional, aponta focos que podem promover a superação da educação mecanicista/bancária, em face da necessidade que se estabelece frente às relações dialéticas entre cultura natureza, sociedade natureza. Isto porque compreende que a modalidade tradicional de educação, por estar assentada em referenciais ontológicos e epistemológicos que se associam à estrutura funcional do processo de acumulação capitalista, ao pensamento único, não favorece a criticidade.

A educação como um ato político (FREIRE, 1969) pode orientar alternativas afirmativas capazes de promover o desenvolvimento de processos de aprendizagem, incluindo aqueles que tratam da sua dimensão socioambiental, mudanças no trabalho pedagógico a fim de transformá-la e humanizá-la. Isto em razão de que homens e mulheres precisam dela para serem sujeitos do conhecimento, da história e da cultura. Seria um sujeito que existe no mundo e com o mundo, como “corpo consciente”, cuja consciência é intencionada para fora de si, para um mundo que não é mero objeto de contemplação, mas tem a marca de sua ação-reflexão (FREIRE, 1969, p. 51).

A educação, na visão do educador Paulo Freire (1969), é essencial, diante da realidade tanto local quanto global, para que as pessoas tenham a capacidade de buscar uma nova racionalidade, marcada pela solidariedade social, pela ética, pela diminuição das desigualdades, pelas escolhas individuais e grupais, pelo respeito às diferenças.

A inserção da dimensão socioambiental como ferramenta político-pedagógica tem significativo papel na formação crítica, quanto às questões relativas às relações sociedade natureza. Ela contribui para uma consciência mais ampla das questões ambientais e ajuda a identificar a problemática real e concreta causada pela ação humana. Além disso, pode estabelecer relação crítica e dialética entre diferentes locais e seres para transformar a teoria em prática, e contribuir para um movimento de luta ecológica pela vida.

O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à

vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo (FREIRE, 2000, p. 31).

Portanto, toda ação que reflita na realidade a favor das questões socioambientais precisa da participação de homens e mulheres plenamente conscientes da responsabilidade e comprometimento na sociedade como ser no mundo. Assim, possibilita problematizar a realidade ambiental, estimular o diálogo sustentável e a curiosidade de conhecer e mudar o mundo para uma vida digna no planeta.

O campo socioambiental no contexto da formação inicial de professores

Por sua natureza e pelo conjunto de atividades realizadas, o PIBID Pedagogia sustentou-se na tríade que informa a dinamização do contexto acadêmico: o ensino, a pesquisa e a extensão. Configurou-se como um espaço de aprendizagem, produção e circulação de saberes, realização de práticas pedagógicas e de formação, para a cidadania e profissional, no caso dos bolsistas de licenciatura envolvidos. Um contexto educativo em que coordenação, bolsistas, voluntários, professores e alunos do Ensino Fundamental, por meio das práticas educativas, agiam dialogicamente como sujeitos portadores de conhecimentos. Com suas motivações, saberes e afetividades, faziam-se presentes e participativos, contribuindo efetivamente para a boniteza da experiência.

Com a compreensão do PIBID como um espaço de troca, diálogo e de participação, a incorporação da dimensão socioambiental nos processos educativos e de formação dinamizados no subprojeto passou a imprimir uma perspectiva epistemológica e ontológica histórico-crítica na compreensão da relação sociedade-natureza de seus participantes, com novos desafios ao cenário educativo e seus processos pedagógicos.

Na dinamização das práticas educativas no campo socioambiental estava sempre incorporada a preocupação com sua contextualização sócio-histórica. Isto no sentido de incentivar a percepção dos sujeitos envolvidos sobre sua condição de sujeitos históricos e, portanto, portadores de conhecimentos. Buscou-se, em todas as ações, quer de formação e/ou de efetivação de ações, imprimir a preocupação com a construção de formas de relação sociedade-natureza mais justas e sustentáveis. Por se configurar como uma práxis social, a inserção dessas práticas educativas nos processos de formação inicial de professores carrega sempre o desafio de perceber e, sempre que possível, fazer-se presente no “movimento

(nacional e internacional) por uma sociedade (local e global) mais justa e ecologicamente sustentável” (REIGOTA, 2000, p. 8).

Sempre que possível, em todas as ações desenvolvidas no Subprojeto, buscou-se dar ênfase para a realidade local dos alunos envolvidos nas atividades, sem, contudo, desconectar dos contextos regional, nacional e/ou global. Eram incentivados, no decorrer da realização das atividades, a pensar sobre as suas realidades: condições socioambientais do seu bairro, de suas moradias, relações de vizinhança; refletir que as diferentes problemáticas socioambientais não dizem respeito simplesmente a uma questão de comportamento individual, mas situam-se, principalmente no contexto da lógica instrumental que sustenta as relações na produção capitalista. Assim, indicam que “a história da organização das relações sociais define a relação homem-natureza e as relações entre os homens” (TOZONI-REIS, 2004, p. 144). Portanto, “o problema ecológico não é somente um problema técnico, mas é também um problema ético” (GRÜN, 2005, p. 45).

O PIBID Pedagogia Belém, por meio da realização do Subprojeto voltado para a formação inicial de futuros professores, sustentado por práticas educativas no campo socioambiental enquanto eixo temático transversal, integra uma experiência de ambientalização no contexto acadêmico da UEPA. Contudo, reafirma a constatação indicada no relatório *Mapeamento da Educação Ambiental em instituições brasileiras de Educação Superior* (RUPEA, 2005; BRASIL, 2007 *apud* MARCOMIN; SILVA, 2009, p. 107), de que “as iniciativas realizadas [no contexto acadêmico] se devem mais a grupos de docentes e pesquisadores do que à existência de políticas institucionais e ao incentivo de seus órgãos de gestão”.

Por meio das ações desse Subprojeto, buscava-se despertar, nos sujeitos envolvidos (bolsistas, alunos do Ensino Fundamental, professores de educação básica), um novo olhar, voltado para a vida cotidiana, para a materialidade de seus diferentes ambientes. Desta forma, problematizava-os no sentido de verificarem até que ponto eles refletem os significados e os sentidos da relação sociedade-natureza do contexto contemporâneo, cuja lógica, em grande parte, reflete a racionalidade instrumental e as demandas de uma sociedade de consumo.

Por considerar que “a formação inicial de educadores ambientais apenas nos meios científicos e técnicos não dará subsídio para que o professor consiga fazer ações educativas, com pensamentos críticos” (BONFATI; SILVA, 2019, 139), as ações socioeducativas

no campo ambiental assumiram, no contexto do Subprojeto, uma dimensão mediadora entre processos de formação docente dos graduandos bolsistas. Também, a aproximação da universidade com a Educação Básica e a politização das práticas pedagógicas escolares.

Com referência nessa dimensão mediadora dos processos educativos e pela dinâmica da sociedade atual, sentiu-se a necessidade de trabalhar a questão socioambiental desde a mais tenra idade. É possível trabalhar o respeito, estilo de vida, a atitude e valores positivos frente à natureza de forma prazerosa. Desta forma, é possível ressignificar conteúdos que são trabalhados no currículo escolar, e vislumbrar a incorporação de uma ética ambiental.

Tomando como referência essa perspectiva, optou-se por uma abordagem interdisciplinar, por meio da qual se buscou “superar a fragmentação do conhecimento que na ciência e na escola recebeu o nome de divisão disciplinar [...] defendida por aqueles que se propõem a uma integração dos saberes da educação” (TRISTÃO, 2004, p. 49). Ainda, em algumas vezes, como no dizer de Ruscheinsky; Medeiros (2015, p. 133) até “confrontar saberes, com o intuito de alçar outro saber mais abrangente, capaz de traduzir a complexidade das interações entre sociedades humanas e o meio natural”.

Tem-se, dessa forma, a possibilidade de “compreender as racionalidades em jogo nas formas de percepção, apropriação e manejo da natureza” (LEFF, 2012, p. 43), e romper com a visão utilitarista e da racionalidade instrumental. Visão que, ao olhar para uma imensidão verde das florestas, grandes rios ou oceanos de águas com seus amplos territórios e profundidade, tratam-nos como se fossem infinitos e inesgotáveis.

Como uma *práxis* expressa na unidade entre teoria e prática, voltada para a transformação do ser humano, as práticas educativas no campo socioambiental, por conformarem uma estratégia político-pedagógica e buscarem imprimir uma racionalidade ambiental (LEFF, 2012) que ultrapassem a indolência da racionalidade científica, foram trabalhadas por meio de uma diversidade de estratégias metodológicas.

Os jogos e brincadeiras foram incorporados, tanto nos processos de formação dos bolsistas como nas atividades que eles desenvolviam com as crianças, construindo possibilidades de uma aprendizagem mais prazerosa e participativa. Por meio dessas estratégias pedagógicas, as crianças tiveram a oportunidade de deixar suas carteiras, sair de suas salas e perceber a comunidade do entorno da escola, por exemplo. Assim, por meio do

movimento do corpo, elas eram situadas no mundo, rompendo com o silêncio desejado da pedagogia tradicional, e lidando diretamente com os problemas ambientais existentes.

Práticas educativas no campo socioambiental: contribuições para a iniciação à docência

Neste item são analisadas algumas práticas educativas que foram desenvolvidas por graduandos bolsistas no exercício da sua iniciação à docência, e que tiveram como orientação a incorporação da dimensão socioambiental nas atividades. Tais atividades foram desenvolvidas em uma escola de Ensino Fundamental e Médio, na área periférica de Belém, estado do Pará, e integram as ações do PIBID Pedagogia.

A discussão dessas práticas está referenciada por resultados enfatizados em relatórios de graduandos bolsistas, nos quais não só descrevem os procedimentos, também avaliam a repercussão das atividades desenvolvidas para sua formação docente e para imprimir, na dinâmica escolar, a preocupação com a sustentabilidade da vida planetária.

A **trilha do solo** foi uma das experiências educativas desenvolvida pelos bolsistas com alunos do Ensino Fundamental, uma atividade que antecedeu a construção de uma horta escolar. O desenvolvimento dessa trilha tinha como objetivo apresentar e trabalhar, com uma turma de quinto ano, as partes do solo que integram a feitura de uma horta escolar. Nessa atividade incluíram-se desde os tipos de solo até a estrutura da planta a ser cultivada.

Os bolsistas utilizaram os jogos e as brincadeiras como recurso pedagógico para trabalhar o tema solo, por considerarem que, por meio desse recurso, podiam oportunizar a compreensão de questões específicas do solo e também a relação do tema com o campo socioambiental para todos os envolvidos, de acordo com suas idades. No contexto dessa prática, foram trabalhados com os alunos conhecimentos acerca de cuidados que precisamos ter com os bens natureza, que são cada vez mais dilapidados. Como exemplos é possível citar: utilizar o caderno por completo sem desperdiçar, porque havia relatos de que era frequente alunos fazerem bolinhas de papel limpo para brincar, sujando a sala de aula. Neste sentido, foi trabalhada com eles a questão da derrubada de árvores para que papel o possa ser fabricado.

O desenvolvimento da atividade ocorreu em dois momentos: no primeiro momento foi trabalhada a identificação dos tipos de solo, qual seria o melhor solo para o

cultivo de uma determinada planta, a melhor semente para fazer a plantação, e as características de outros tipos de solo que não são os melhores para a plantação.

Em seguida foram introduzidas as características das plantas, como se dividiam e qual a função exercida por cada parte da planta. Foi falado, também, que dependendo da planta, podemos consumir desde a raiz, ou até mesmo a flor. Para fixar a aprendizagem foi realizada a brincadeira da cruzadinha, mas como eles inferiam a resposta pela quantidade das letras, passamos a questionar qual seria a pergunta referente à palavra encontrada na cruzadinha. O retorno em relação à aquisição do conhecimento foi muito satisfatório.

No segundo momento foi realizada a dinâmica da trilha do solo, na qual constavam quatro tipos de solo. Com o auxílio de um dadinho, os *jogadores* faziam suas remessas; de acordo com o solo que caísse, tinha que responder à pergunta para avançar.

Outra atividade realizada de acordo com o plano de ação de construção da horta escolar foi uma experiência de compostagem. Essa atividade orientada e desenvolvida pelos bolsistas com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, no período de quatro semanas, foi trabalhada como uma atividade associada ao conteúdo de sala de aula nos diferentes contextos disciplinares.

Para o desenvolvimento da atividade, os graduandos bolsistas trabalharam, por meio de uma explicação teórica, o processo da compostagem. Foi montada uma maquete com desenhos que mostravam, de forma bem simples, todas as etapas de como fazer uma composteira. A técnica da compostagem foi demonstrada, incluindo os elementos que a compõe, e indicando as funções que os seres vivos e não vivos exercem neste processo. Ademais, foram explicados, aos alunos, os benefícios da compostagem, como um meio de reaproveitamento e de evitar desperdício de restos alimentares na escola e dentro de casa, por exemplo.

Uma das atividades que despertou grande interesse dos alunos maiores foi o papel da minhoca no processo de compostagem. Alunos do 5º ano não só demonstraram grande interesse, como também fizeram relatos de momentos de suas vivências em realidades nas quais tinham a oportunidade de ver e/ou ter contato com minhocas. Uma aluna dessa turma manifestou-se dizendo: *“posso trazer de casa, moro perto do canal, tem um monte, se eu soubesse...”*; outro aluno da mesma turma lembrou que, quando morava no interior, tirava minhoca da terra com seu avô, para ser usada na pescaria, no intuito de buscar alimentação para dentro de casa.

Em outra turma, quando foi perguntado o que poderíamos colocar na composteira, uma das crianças sugeriu que poderia colocar papel de bombom. Nessa oportunidade foi perguntado para a turma se poderia colocar papel de bombom na composteira, “pode sim” afirmou um dos alunos, do que se inferiu que elas não tinham muito discernimento dos produtos que são da natureza e os produtos que são industrializados. Foi uma oportunidade em que se considerou necessário trabalhar essas diferenças, por compreender que, “se a criança adquire uma compreensão (conhecimento) socioambiental ampla, ela desenvolve uma consciência social (atitude) que afetará seu conhecimento (ações) em relação ao meio ambiente total” (TANNER, 1978, p. 71).

Vencido esse debate inicial de aproximação com a temática e de discussão de natureza teórico-prática, foi feita a exposição dos itens possíveis para compor uma composteira. Como demonstração prática, os graduandos bolsistas levaram para sala de aula uma mini composteira, feita de garrafas PET, usando terra, restos de frutas, cascas de ovos, serragem, borra de café, sachê de chá, folhas secas, e incluindo a simulação do chorume e como ele pode ser reaproveitado numa horta. Naquele momento, muitas manifestações de interesses surgiram na turma: uma aluna do 1º ano disse: “tia, quero mexer na terra”.

Foi uma oportunidade de muita interação, troca de informações e ludicidade. Um aluno do 5º ano indagou acerca do chorume da minicomposteira: “isso é de verdade? Tira isso de perto de mim”. Outro aluno, do 3º ano, falou: “tia, chorume é o choro da terra?”. Após essas manifestações, foi simulado o passo a passo de construção de uma minicomposteira com a participação de todos os alunos que, na oportunidade, indicaram aos bolsistas qual a sequência dos elementos para compor cada uma das camadas da composteira. Os alunos puderam reconhecer e manusear os materiais que estavam expostos nas mesas. Nesse processo de participação, um aluno do 3º ano lembrou das cascas de bananas e de tangerina que foram recolhidas pelos bolsistas no horário do lanche e falou: “com casca de laranja dá pra fazer remédio”. Ao ser indagado a origem desse saber, o aluno falou: “minha avó que faz”.

As atividades realizadas seguiram orientações segundo os PCN sobre meio ambiente, que descrevem que é significativo o trabalho com tema no Ensino Fundamental, pois sua função é contribuir para formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global (BRASIL, 2001, p. 29).

Considerações Finais

As práticas educativas desenvolvidas pelo **Pibid** Pedagogia Belém na escola foram realizadas de forma lúdica e pedagógica. Configuraram uma série de atividades que tratavam de questões relacionadas ao campo socioambiental, por meio das quais os alunos eram incentivados a perceberem como elas estavam inscritas no seu cotidiano. Com o uso de recursos da ludicidade, foi possível realizar as práticas pedagógicas de forma prazerosa, na tentativa de torná-la mais interessante e capaz de facilitar a compreensão dos educandos.

O debate sobre problemática socioambiental incorporada no processo de formação dos bolsistas no contexto do Subprojeto foi materializada por meio das sessões de estudos de formulações teóricas, tratando das suas diferentes tendências. Os textos eram distribuídos com a antecedência necessária para o estudo e compreensão dos pressupostos que davam sustentação às tendências epistemológicas. O debate mediado pela coordenação ou por um professor convidado buscava confrontar o discurso informativo, quase sempre prevalecente, em relação ao formativo, no contexto do qual se pode colocar o processo educativo como uma tendência histórica, crítica e emancipatória. Este tipo de processo educativo não se sustenta apenas na racionalidade técnico-científica, em face da dinâmica da sociedade, cujas condições socioambientais decorrem das relações sociais no contexto de uma determinada materialidade histórica.

A partir dos processos de formação, eles puderam trabalhar uma série de conhecimentos com as crianças e adolescentes, cuja maioria mora na Vila da Barca, uma área territorial que tem muitas características da vida ribeirinha. Entretanto, por estar localizada na franja da periferia urbana da capital de Belém/PA, incorpora as *mazelas* de uma metrópole, particularmente no que diz respeito à questão da degradação, injustiça socioambiental e da violência. Contudo, nem sempre os alunos conseguem perceber e problematizar, de forma crítica, o contexto social do qual fazem parte e suas contradições.

É salutar mencionar a interação dos bolsistas com os alunos, pois em todas as práticas realizadas, eles tinham a preocupação de tomar como uma das referências para o desenvolvimento das atividades, os saberes prévios que eles traziam de suas vivências para sala de aula. Nesse caso, a realidade que informa o seu cotidiano fora considerada como parte da construção das atividades que foram desenvolvidas no contexto do subprojeto. As ações pedagógicas realizadas em sala de aula possibilitaram que os envolvidos nas atividades

(bolsistas e alunos do Ensino Fundamental) percebessem que fazem parte do meio em que vivem. Isto torna possível sua interferência enquanto sujeitos históricos, por meio de atitudes conscientes, e que resultem na formação de sujeitos críticos, os quais identificam consequências atuais e futuras de tais atos.

Com base em narrativas de bolsistas e nas avaliações das ações, é possível inferir resultados promissores, ao indicarem que não só a participação no subprojeto PIBID Pedagogia, como também nas pesquisas relacionadas aos temas trabalhados com os alunos, as sessões de estudos, a apresentação de trabalhos em eventos científico-culturais, foram um diferencial e um alargamento na formação docente.

Referências

BONFATI, C. H. S.; SILVA, R. de C. da. A Formação do Educador Ambiental na perspectiva do educando: um estudo comparativo entre diferentes cursos de Graduação. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Ed. Especial EDEA, n. 2, p. 130-143, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 1988.

_____. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Meio Ambiente, Saúde**. Brasília: MEC: 2001.

_____. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012**. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL/MEC. **Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

FREIRE, P.. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GRÜN, M. O conceito de holismo em ética ambiental e em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I.. **Educação ambiental – pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.45-50.

LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental**. Da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCOMIN, F.E.; SILVA, A.D.V. A sustentabilidade no ensino superior brasileiro. *In* **CONTRAPONOTOS** – Vol. 9 nº 2 – p. 104 - 117 - Itajaí, mai/ago 2009.

REIGOTA, M. Apresentação. *In* LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. de. (Orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

RUSCHEINSKY, A.; MEDEIROS, M. F. S. A dimensão dos cuidados com os bens ambientais em indicadores da gestão: contribuições para a pesquisa e o ensino nas universidades. *In* GUERRA, A. F. S. (ORG.). **Ambientalizações e Sustentabilidade nas Universidades**. Subsídios, Reflexões e Aprendizagens. 1. ed. – Dados eletrônicos, Itajaí: Ed. da UNIVALE, 2015, p. 131-146.

TANNER, R. T.. **Educação ambiental**. São Paulo: Edusp, 1978.

TRISTÃO, M. Saberes e fazeres da educação ambiental no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n.0, nov.2004.

TOZONI-REIS, M. F. C. Fundamentos teóricos para uma pedagogia crítica da educação ambiental: algumas contribuições. *In*: **30ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, MG, 2007. Anais da 30ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, MG, 2007.

RECEBIDO 15 DE ABRIL DE 2019.

APROVADO 30 DE MAIO DE 2019.